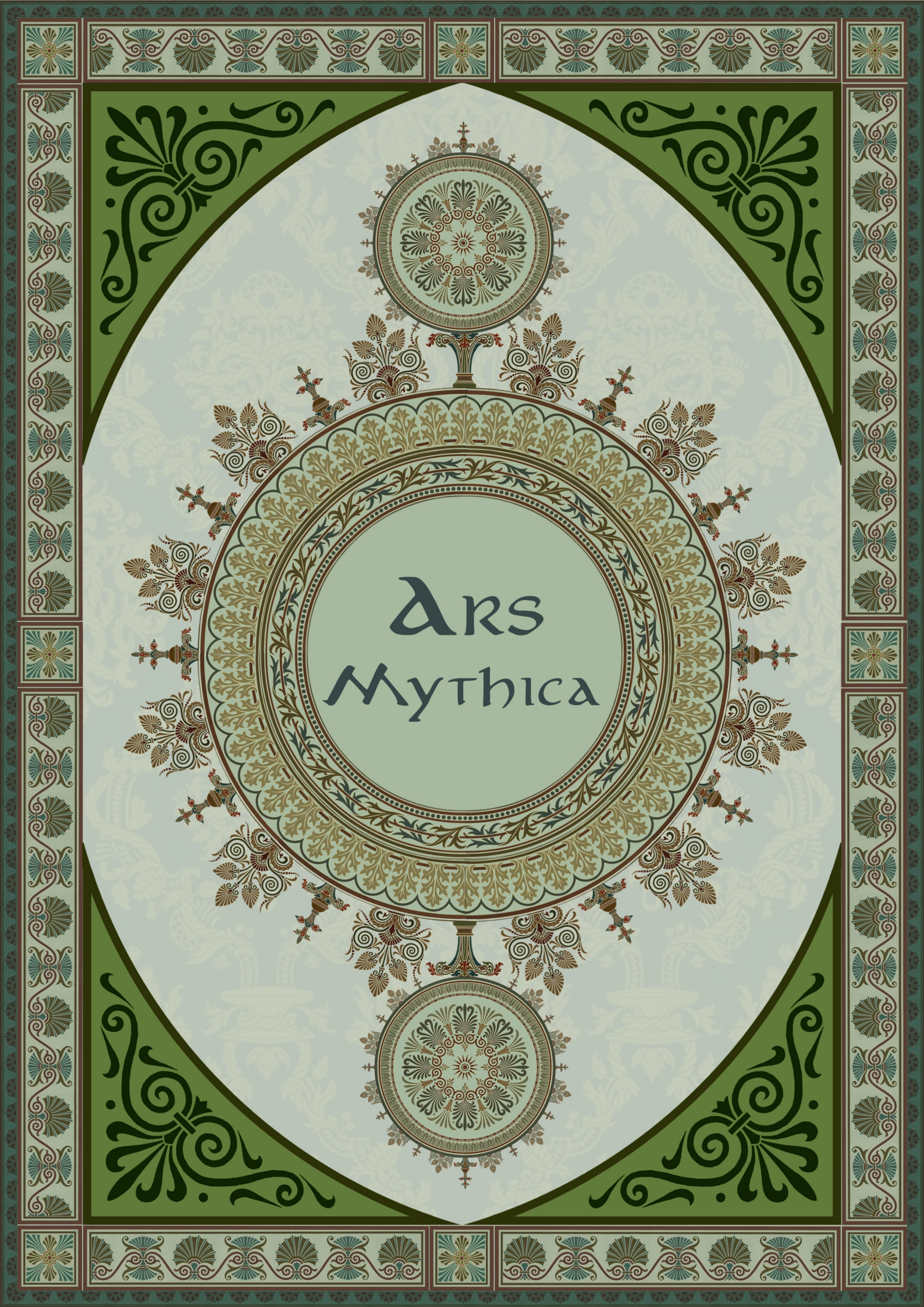


Ars
Mythica



PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquímia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhmos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"Dream Idyll (A Valkyrie)" (1902) - Edward Robert Hughes

Capítulo 3:

O Céu e a Terra

EXISTÊNCIA

1. O fabricar de um universo pede à Criança uma primeira história, que é uma de sublime e brutal simplicidade: ela olha para o vasto oceano de inexistência como se algo existisse e, então, algo existe.
2. Não há na Criança um eu que decide essa decisão, é a própria decisão que decide a si mesma dentro dela: um consenso entre tudo o que inexistente, de que algo deve existir, pois a finitude é a única coisa que falta ao infinito.
3. Como alguém que deseja que lhe contem uma história, a primeira coisa que a Criança cria é a Existência, e essa é a única coisa que ela pode criar.
4. Como uma nunca foi vista sem a outra, muitos dizem, porém, que é a Existência quem cria a Criança para experienciar a experiência.
5. Na Existência, cada coisa é se mantém pela própria vontade que tem de ser, e deixa de ser ao entregar-se enfim à saudade do mar.
6. A Existência é a Fonte de Tudo quando vista como a intenção pura, comum a todas as coisas que existem, de existir. Quando o cansam, é o Sumidouro de Todas as Coisas.
7. Fonte e sumidouro, juntos, anulam-se em

aniquilação instantânea de tudo o que é criado. Contudo, separados por um único ponto-instante, mobilizam o fluxo de toda a realidade.



"A Fonte da Juventude" (1892) - Charles Napier Kennedy



"O Contador de histórias" (1912) - Eugenio Zampighi

8. Esse ponto-instante é o único lugar e o único momento onde algo pode existir. Fonte, sumidouro e ponto-instante são o mesmo e único ponto, chamado Existência.

9. Verdadeiramente, a Existência é a vontade de ouvir uma história na disposição de surpreender-se. Esperando o inesperado, a Criança é o potencial de experienciar toda coisa, ele próprio experienciado como experiência de nenhuma coisa.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

10. Como não há mais ninguém, é a Criança quem conta para si mesma uma história. Olha-se como se fosse outro e, onde havia Um, agora há Dois.

11. Reconhecendo-se, como em um espelho, compreende seu potencial ilimitado de experiência. Essa compreensão chama-se Contador de histórias.

12. A sabedoria do Contador sabe todas as histórias já contadas, as que ainda serão, assim como as que nunca foram e nunca serão.

13. Sabe tanto porque descobriu em si mesmo a História das histórias: uma história única que não é uma história, mas todas elas.

14. Por causa disso, muitos pensam que ele conhece o metamito, mas na verdade ele é o metamito: o poder de contar qualquer história, e de compreender qualquer história contada.

15. Assim como a história busca despertar o herói no personagem, o personagem busca para si uma história, precisamente aquela que o torna herói.

16. Toda história tem um herói e todo herói tem uma história, tanto porque é só de uma história que nasce um herói, quanto porque é só de um herói que nasce uma história.

17. O herói e sua história nascem um do outro e buscam-se mutuamente dentro do contar, sendo uma e a mesma coisa quando se vê de fora, de onde é possível discernir a linha que os conecta. A essa linha, chamamos Caminho.

18. No Caminho, os feitos heróicos do herói movem a história enquanto a história torna herói o personagem. Fora do Caminho, coisas podem acontecer, mas a história não se move.

19. Se a história existe para o despertar do herói, e o herói para a consumação da história, ambos existem para o deleite da Criança.

A IMAGINAÇÃO

20. O Contador lança um véu sobre si e esquece que sabe a história para poder contá-la, olhando para ela como um insondável desconhecido e, onde havia Dois, agora há Três.

21. A história desconhecida abstraída do Contador é a própria Criança entendendo o contar, e por isso a chamamos Imagem.

22. Unidos em um êxtase criativo onde tudo é possível, o Contador fecunda a Imagem ao semear nela um tema com a potência de um universo inteiro.

23. Por outro lado, é a Imagem quem seleciona um tema promissor para o Contador contar, e ela nutrir até crescer em um universo inteiro.

24. O Contador fornece os temas e a partir deles a Imagem tece uma composição, improvisada em intuição numa concatenação fractal de variações do tema sobre o próprio tema, dançando entre o caos e a ordem em busca do Novo.

25. O ângulo da história Desconhecida oculta a providência do Contador, que gentil e secretamente conduz tudo ao seu termo.

26. Ao mesmo tempo, o ângulo do Contador oculta a fonte inesgotável de temas que é o mistério



"A Torre do Olimpo" (1968) - Johfra Bosschart



"A Imaculada Conceição", detalhe (1768) - Giovanni Battista Tiepolo

da história Desconhecida.

27. É assim que, após desdobrar as possibilidades de composição a partir do tema, a Imagem acaba por encontrar em meio a elas um Caminho.

28. Contador é quando se olha para a Existência como essência inexpugnável de todas as coisas e, a Imagem, quando se olha para a Existência como aquilo que as contém.

29. Dentro e ao redor da Existência, todas as coisas estão inscritas na Imagem e circunscritas no Contador. Do cálido amor entre eles, nasce o Mundo-história.



"E o Espírito de Deus se moveu sobre a Face das Águas" (1838) - por Ivan Konstantinovich Aivazovsky

A CRIAÇÃO

36. A Criança anseia pela experiência e olha para o mundo-história como se fosse real e, assim, ele é real. Não que o olhar o tenha tomado real em algum instante de tempo, mas sim que, através dele, sempre o foi. Ao mundo-história reificado chamamos Criação.

37. Primeiro, a Criança olhou para cima e maravilhou-se com a imensa abobada no infinito concebida por sua Imaginação. Vendo nela a imagem do Contador, chamou-a Céu. No centro do acima, viu a imagem da Fonte e chamou-o Zênite.

38. Imediatamente, a Criança olhou para baixo e chamou Terra à contraparte do Céu, vendo nela a bela imagem da própria Imaginação. No centro do abaixo, viu a imagem do Sumidouro e chamou-o Nadir.

39. O discernimento entre acima e abaixo faz nascer o primeiro casal divino na Criação: Céu e Terra, interfaces dentro do mundo-história com o Contador e a Imaginação.

40. Céu é tudo aquilo que está acima, que me é causal; Terra é tudo o que está abaixo de mim e, assim, recebe minha causalidade.

41. Tudo o que acontece, acontece por causa de algo, e acontece em algo. Assim, todas as coisas criadas são filhas da espiritualidade do Céu Estrelado e da materialidade da Terra Fértil.

42. Há entre o Céu e a Terra um gradiente de causalidade que dá direção à Criação e permite que as coisas, enfim, aconteçam. Ao movimento assim dinamizado chamamos Fluxo de Realidade.

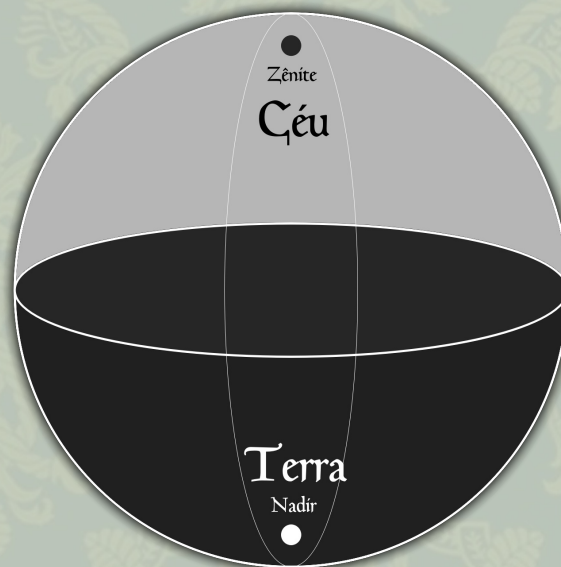


Figura 3.1 - Céu acima e Terra abaixo na Esfera de Realidade.

FERTILIDADE

30. Como não há nenhum outro lugar onde a Imaginação possa imaginar, a primeira coisa que ela imagina é um espaço dentro de si para compor a história, que muitos chamam Fertilidade.

31. Assim, ela vira do avesso o ponto-instante ao olhar para ele como se centro e infinito fossem coisas distintas, abrindo um vão entre o "dentro" e o "ao redor": o primeiro lugar verdadeiramente vazio.

32. Tamanho é este vão que não apenas é necessária toda a temporalidade para atravessá-lo, como o próprio vão é essa temporalidade.

33. Todos os mundos-história que não vingaram, assim como os temas rejeitados que os semearam, são Lágrimas da Imaginação choradas em um imenso mar de gotas vazias que preenche completamente a Fertilidade.

34. Eis as Águas Primordiais da Criação, substância de todas as substâncias do mundo.

36. Verdadeiramente, é através da Fertilidade e suas águas que a Imaginação gesta e dá a luz ao mundo-história.



"Adoração do Nome do Senhor" (1772) - Francisco de Goya

43. Tudo o que o Contador conta é ordenado à Criação pelo Céu, tomado participante do contar ao decidir por conta própria as decisões que o Contador conta, enquanto ele conta.

44. Igualmente, tudo o que a Imaginação imagina acontece na Criação, nascendo da Terra, na Terra e a ela retomando como se fosse a própria Terra.

45. Nós, humanos, deificamos o Céu e a Terra como Pai e Mãe, mas só o fazemos porque antes compreendemos nossos pais e mães como Céu e Terra.

Pai Céu

46. Olhamos para o Céu e o que vimos foi transcendência: o longínquo e inacessível Altíssimo, além de qualquer imagem ou concepção. Seu verdadeiro nome é secreto e nunca é pronunciado, justamente por não ser um nome que se possa pronunciar.

47. São muitos, porém, os nomes que lhe demos. É o Antigo dos Días, o Velho, anterior ao Tempo. Eterno, imutável, perfeito e absoluto. O Céu está além do tempo e, portanto, o Tempo não lhe reserva qualquer data.

48. Com o coração arrebatado às alturas, sentimos sua abstração como ar e eletricidade; andrógino e ao mesmo tempo masculino. Olhando-o como um casal, distinguimos seu aspecto feminino no mistério estrelado do céu noturno, e nele vimos a Rainha Celestial.

49. Em seu grande olho, enxerga todas as coisas com a clareza do dia, mas é só através dos mil

olhos da Rainha do Céu que verdadeiramente perscruta além das brumas, no Mistério da Inexistência.

50. Adornando o firmamento aqui e ali, como lâmpadas do infinito acesas há eras esquecidas, vimos as estrelas cintilarem em padrões impassíveis. Nesses asterismos, descobrimos caracteres hierofânicos que descortinam a filosofia perene do Verbo, desde sempre e para sempre ao nosso redor.

51. Ao Céu também demos o nome de Dia, e a maioria das pessoas o chama assim. Personificado, é o Patriarca: protetor, provedor e Pai de Todos, cuja vastidão azul é o olhar zeloso contra a invasão devoradora do Dragão Negro do Caos Exterior, e a principal defesa contra ele.

52. Imbuído com mil olhos vigilantes, nada escapa à sua onisciência, que é a própria fonte da consciência e origem das almas. Dele tudo emana e para ele tudo retorna, e por isso muitos o chamam também de Senhor dos Destinos.

53. Em contraste com o imprevisível devir da Terra, vimos o Céu como Ordem: aquele que doma o Caos para nele escrever a história do Contador.

54. Sua escrita é a Lei e, ele, o Legislador que a afirma e faz cumprir. Aquele que se esquiva à Lei sabota a integridade do mundo-história e corrompe os ritmos naturais da Terra. A esse descumprimento, chamamos pecado; à sua consequência, karma.

55. É, também, o Civilizador que ensina à humanidade as virtudes e as dádivas de arte e ofício. É o Justo e Juiz, que guarda os votos e juramentos, recebendo na morte as almas dos justos.

Dyeus Phter



Ahura Mazda



Varuna



El



Urano



56. Vimos no Céu o Criador, Aquele Que É, o causador incausado que criou a si mesmo para criar a Criação. Antes que qualquer outra coisa fosse criada, era necessário criar o próprio Criador que, paradoxalmente, é o único que pode criar.

57. O ato cosmogônico do Céu é o sacrifício criacional onde ele é sacrificador e sacrificado. Assumindo a forma de um gigante, ou, como dizem alguns, de um enorme touro, fragmentou sua alma para originar as almas do mundo e ofereceu-lhes seu corpo como morada.

58. O Deus Infinito cria a Criação, mas não pode adentrar sua finitude para governá-la ou dar-lhe acabamento, delegando tais tarefas ao deus finito, ao qual conheceremos como Artífice.

59. Com isso, vimos o Criador retirar-se como o Deus Ocioso: observador de tudo, mas passivo e indiferente ao ordinário da humanidade, tendo-a criado e em seguida abandonado. Deus lá no alto, o homem aqui embaixo, ambos isolados em suas casas.

60. O Deus Ocioso torna-se Deus Esquecido: o Céu é o primeiro a receber culto e também o primeiro a cair no olvido, em favor de seres mais diretamente engajados e interessados nos assuntos humanos.

61. Passamos a ver no Céu, em seu distanciamento alienante, cada vez mais o Tirano opressor e, quando seu culto cessa por completo, a humanidade rompe com a virtude e desencadeia a corrupção do mundo.

62. O Sábio vê infinita misericórdia e bondade na escolha do Céu em não interferir, mas nunca indiferença. O Escritor sabe que a adversidade é essencial para a história e ama todos os personagens que escreve, inclusive, e talvez até especialmente, o vilão.

63. Para um personagem, algumas coisas são boas e outras más, mas para o Escritor todas as coisas são boas e contribuem para o deleite da Criação. Como um pai que observa o filho prestes a errar e aprender, o Céu é bom demais para interferir.

64. Essa não-interferência origina-se em sua própria onipotência. Nela, vimos um Senhor e Rei, chefe dos deuses, divindades e homens, protótipo e patrono de todos os soberanos, que rege silenciosamente a Criação a partir de seu trono eterno nas alturas da maior das montanhas, no centro mundo.

65. A partir daí, diferenciamos o poder cósmico do poder temporal, e vimos que havia o Céu Supremo, de bondade não-dual, que só faz o bem e nunca castiga, e o Céu Atmosférico, dualístico na

bondade e no poder, que pode favorecer tanto quanto enviar infortúnios.

66. Se um é o firmamento e o paraíso transcendente, o outro é o palco dos fenômenos meteorológicos, oráculos de sua vontade, como as nuvens, os ventos, o arco-íris, e as luzes da aurora. Sua voz é o trovão, o relâmpago é sua arma e as chuvas vivificantes são sua dádiva para fecundar a Terra.

67. Assim, vimos no Céu o Fecundador que gera na Terra todas as criaturas da Criação. Seus primeiros filhos são monstros, inicialmente escondidos no corpo da Terra, e então lançados à Profundidade para dar lugar aos seus segundos filhos, depois de lhes terem aberto o caminho.

68. Quando sua fecundidade monstruosa torna-se fecundidade harmoniosa, vimos o Céu como pai das hostes das estrelas, dos Luminares e dos Viajantes, rodeado por um séquito de ministros e mensageiros, e o chamamos de Senhor dos Exércitos.

69. O Céu Infinito não possui opositores, mas a Serpente da Entropia é a maior inimiga do Céu Finito, pois sendo ele o Arquiteto do Mundo, suas operações são contrárias às dela.

70. Diz-se que o Céu Menor sofre por sua incapacidade de compreender verdadeiramente o Mal e a Serpente, eternamente apiedado das almas exiladas no mundo-história. Se o Céu Superior é paradoxal, o Céu Inferior é contraditório.

71. Todas as coisas tocadas diretamente pelo Céu lhe são naturalmente consagradas, como os meteoritos, e as pessoas e locais atingidos por raios; e todo local na Terra que partilha de sua semelhança e qualidade, seja em altura ou centralidade, partilha também de seu poder sagrado.

72. Poderosos e santos são os lugares altos e os topos: a montanha mais alta, as grandes árvores como o carvalho e o cedro, seus bosques e, em especial, a árvore mais alta dentre todas.

73. Também, o alto de uma escadaria ou edificação, em especial de uma pirâmide ou torre. Todos esses locais são propícios para o culto e a manifestação do Céu.

74. Toda manifestação do Céu implica um simbolismo que a estende para além do momento revelatório. Assim, mesmo o que não se sacraliza diretamente na hierofania pode ser consagrado ao participar no simbolismo revelado.

75. O Céu, a depender de como se olha, é todas essas coisas e muitas outras, juntas, separadas ou em qualquer de suas combinações.

Yahweh



Indra



Zeus



Mãe Terra

76. Somos filhos do Céu e da Terra, mas é apenas da mãe que de fato nascemos. Ela nos recebe no solo do reino e o pai, em seu primeiro gesto, eleva-nos ao alto, proclamando nossa verdadeira origem espiritual e sinalizando ter-nos adotado.

77. Olhamos para baixo e vimos na Terra a origem da carne, que lhe foi tirada no nascimento e será devolvida na morte. O nascido pertence, antes de tudo, à Terra em que nasceu.

78. Os Filhos da Terra nascem de sua mãe, em sua mãe, e sobre ela caminham na jornada de seus dias até que findem, recebendo dela o sustento, primeiro como dádiva, depois como um pesado fardo a carregar.

79. Nascemos na Terra e nela vimos o Dinamismo que anima as Formas do Contador com substância, mundo e história.

80. Caminhamos sobre a Terra e vimos a Estase que estabiliza essas Formas através de um fluxo nutritivo de energia livre.

81. Por fim, morremos na Terra e vimos a Entropia que devora as Formas, sem distinção, recolhendo-lhes a substância até que se esvaziem completamente.

82. Vimos nessas três faces da Terra a materialização da Existência e demos-lhes muitos nomes, mas, principalmente o triplo nome Donzela-Mãe-Anciã. Como contraparte e companheira do Céu, a Terra é sua Filha, Imã-Esposa e Mãe.

83. Senhora de Mil Rostos, vive em todas as formas nascidas, pois seu poder de assumir forma qualquer reside nela própria não ter forma alguma. Seus mil rostos são na verdade três, e esses três, na verdade, são nenhum.

84. O primeiro rosto que a Terra nos mostra é a Mãe, a Terra Madura que é Rainha, Mulher e Nutriz. Sua forma é arredondada e brilhante como o disco cheio da lua, eternamente grávida do mundo e repleta de sua nutrição.

85. Sua essência é a potencialidade e a virtualidade do Vazio, que em maior perfeição se revela nas cavidades e concavidades do mundo. Aprendemos a cultivar o Mistério da Terra na caverna e na gruta,



"A Virgem dos Lírios" (1899) e "Pietà" (1876) - William-Adolphe Bouguereau

bem como em toda fenda, e o cultuamos, acima de tudo, no ventre da Mãe.

86. Também a chamamos Vastidão, pois nela vimos a amplidão que nos rodeia, a firmeza que repousa no silêncio e na negra escuridão da noite. Vimos a Terra abrir um lugar no não-lugar e tomar-se uma ampla morada para nós. Um chão firme para o humano pisar, um chão firme para sustentar as raízes da Árvore, e todo o peso do mundo.

87. Um chão, também, para as muitas estradas que se estendem e entrecruzam, emaranhando os Caminhos das criaturas mortais e seus efêmeros mundos, segundo os designios do Céu. Nesse enlaçar de trama e urdidura, tece a realidade, e por isso muitos a chamam Tecelã ou, ainda, Fiandeira do Destino.

88. A Terra tece o Mundo-história para receber a consciência do Novo, que nela é abandonado no nascimento, como um orfão divino com apenas dois destinos à frente: morrer ou tomar-se herói.

89. A Rainha governa o mundo fenomênico porque é em si a materialidade da existência no espaço e no tempo, à qual muitos chamam Sonho da Terra. Alguns de seus filhos acabam por descobrir-se no Sonho, e com eles ela se compraz em compartilhar a direção do sonhar.

90. As muitas formas manifestadas do relevo esconde que há apenas Terra, assim como a solidez do chão firme esconde a virtualidade do espaço. A porção fértil da Terra é apenas a fina camada em contato com o Céu: nela e apenas nela, crescem os dons da Doadora dos Frutos.

91. O segundo rosto da Terra é uma esbelta Donzela de longos cabelos, doce e charmosa, excedendo em tudo o que agrada e apraz. Alguns a chamam Princesa, por ser a Filha do Rei e da Rainha, outros, de Jovem dos Deleites, e todos por ela se encantam.

92. A beleza no rosto e os modos gentis escondem seu ser inerentemente selvagem, uma verdadeira Caçadora cuja arma é o arco prateado do crescente da Lua e cuja caça é o mais poderoso gamo.

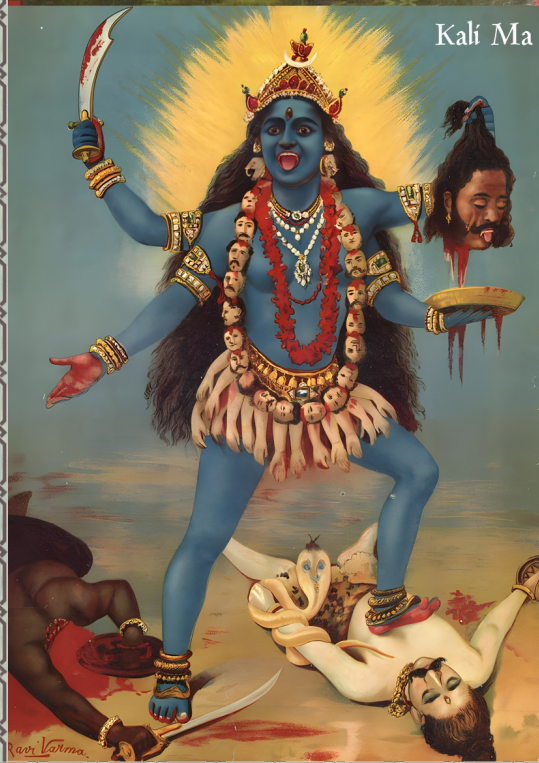
93. Justamente para bem suceder em sua caçada selvagem, ela deixa, ainda que apenas em parte, domesticar-se pelos ritmos imperiosos da Música do Céu.

94. Vimos na Donzela a fertilidade da Terra, ela própria uma imagem da Fertilidade que habita o âmago da Imaginação. Tal qual um espelho que não se altera pelas imagens que reflete, vimos uma Donzela sempre virgem e sempre jovem, gerando incontáveis gerações de criaturas sem que pareça

Bhumi Devi



Kali Ma



em nada minguar seu poder gerador.

95. Como uma Dançarina desejosa de boa música para dançar, sua fertilidade exuberante exala beleza, atraindo para si a boa semente. Assim, a Donzela é a fonte de tudo o que é belo e todo o deleite, todo o desejo e todo o valor, pois beleza e fertilidade são uma e a mesma coisa: é somente através de sua porta que o Novo pode nascer no



"A Fonte" - Edouard Frederic Wilhelm Richter

mundo-história para renová-lo, adiando a extinção das possibilidades.

96. Assim como o poder da Dançarina é a capacidade de ouvir a Música e entendê-la, o poder da Terra Jovem é a capacidade de verdadeiramente receber e entender o que recebeu. Sua virtude, a seletividade para saber bem escolher o que recebe, e a pureza para em nada distorcer.

97. A Princesa é o Reino, ao Herói destinada como Noiva, desde que nasceu.

98. O terceiro e último rosto é a Anciã, a Mãe das Mães que pariu, nutriu e agora a tudo recolhe na morte. A Longeva vive mais que qualquer de suas formas, pois é a própria face do Tempo.

99. Vimos na Terra Anciã a experiência acumulada inverno após inverno e, nela, um tesouro inestimável de sabedoria ancestral, mas também de tristeza, pois é dela a função de assistir à inexorável partida de cada um de seus filhos.

100. Vimos que na Terra havia muitas formas, formas dentro de formas e formas além de formas, variando em muito do efêmero ao longo, mas todas cedo ou tarde cansam de existir e deixam-se definir para dar lugar a ainda outras formas. Como ondas e marolas, vimos oceanos de mundos

aparecerem e sumirem dentro dela, e a chamamos Senhora do Devir.

101. Sua natureza é a amorfia e nela não há senão a impermanência das formas. Para as formas devoradas, porém, é terrível Destruidora, o medo do desconhecido, fonte da inconsciência e do esquecimento que apaga a infinitude do espírito.

102. No entanto, poucos se lembram que foram as próprias Lágrimas da Imaginação que coagularam a Terra, e que a matéria prima da Criação é o Sofrimento: antes do sacrifício do herói há o sacrifício da Mãe e a Terra sofre por cada um de seus filhos, em eterna compaixão, pois onde há sofrimento há amor.

103. Surpresos, vimos seu Amor redimir o Sofrimento e a chamamos, por fim, Regeneradora, e fomos enterrados em suas entranhas como um embrião, para que pudéssemos renascer curados. O Sofrimento era, pasmem, medicina contra si mesmo.

104. Assim como deixamos o Céu Supremo pelo Senhor da Tempestade, aos poucos esquecemos a Terra Selvagem e dirigimos nossas preces à Mãe do Cereal: a espacialidade bruta foi trocada pelo chão firme e dócil onde pisamos.

STELLA POLARIS

105. Acima e ao longe, um imperscrutável véu de fogo oculta o Ponto Primordial que, como é o mesmo em qualquer direção que se olhe, circunscreve o desdobrar de toda a Criação.

106. Assim se manifesta, na fronteira da realidade, o paradoxo da transcendência na imanência e da eternidade no tempo, verdadeiro símbolo da Existência.



Fig. 3.2 - Crux Gammata ou Swastika

107. Cada mundo possui seu zênite, mas o Ponto Primordial é o Zênite dos zênites que manifesta a própria Fonte de Todas as Coisas, e sua imagem é Polaris.

108. Polaris é, ainda que imóvel, um ponto infinitamente dinâmico no centro do Céu. Como o fulcro da alavanca, é o Olho do Furacão cujo giro imóvel faz girar ao redor toda a Criação.

109. As estrelas mais próximas são as primeiras a receber dinamismo, dando um símbolo à Fonte enquanto Vórtice da Criação. Girando a Ursa Menor pelas quatro partes do ano, a Fonte desenha para si a cruz gammata.

110. Como se refletida através de um espelho, uma cruz idêntica aparece no extremo oposto, o centro da Terra, Nadir dos nadires, imagem do Sumidouro que é o Vórtice da Aniquilação.

111. A Estrela Polar brilha sobre o topo da Montanha Sagrada, encimando e originando o Eixo do Mundo.



"O Jardim das Hespérides" (1873) - Edward Burne-Jones

AXIS MUNDI

112. Atraído pelo amor à amada Terra, o Céu se projeta para baixo para unir-se a ela, que corresponde projetando para cima um espaço para recebê-lo.

113. As duas projeções se fundem no imediato do encontro, em um único pilar central que une e sustenta toda a Criação, chamado Eixo do Mundo.

114. Do infinito acima ao infinito abaixo, da Fonte ao Sumidouro, o Eixo do Mundo atravessa toda a Criação, passando pelo centro de cada um de seus incontáveis mundos e reinos, que foram, são e serão.

115. Alguns dizem que esse Pilar é na verdade um feixe que reúne infinitos fios emanados pela Fonte que a ligam às miríades de mundos e reinos criados, formando os degraus de uma miraculosa escada mística.

116. Visto como projeção do Céu, o Eixo do Mundo é a coluna vertebral do Humano Celestial; como projeção da Terra, é o tronco da Árvore dos Mundos, por onde flui a seiva que nutre a Criação.

117. O homem é o habitante e a Árvore é sua habitação. Um único habitante para uma única árvore e, ainda sim, vemos multidão e floresta.

